

Celebrando o Jubileu

A Diocese Anglicana do Recife celebra seu **Jubileu** nos próximos dias deste mês de maio e se o Senhor permitir teremos vários festejos.

É bom lembrarmos que no dicionário as palavras "festejar" e "celebrar" têm o mesmo sentido apenas quando se referem a "fazer festa", mas enquanto "festejar" está sempre ligada a festa, "celebrar" tem mais ligação com "comemorar", "fazer memória", "trazer solenemente a memória (do latim *celebrare*). Mas em que esse jogo de palavras nos interessa? Lembra-nos que temos grandes motivos para festejar, e que nossa fé nos convida a comemorarmos (trazermos a memória).

Tenho visto algumas cartas de irmãos sobre esse tema que nos convida a isso e gostaria de tentar dar a minha pequena contribuição à discussão. Penso que há dois pontos importantes para "rememorarmos". O primeiro é sobre "humildade", pois a vejo como muito importante para nossa espiritualidade, pois sem "humildade" não há conversão. Vejo também com alegria que nos cultos em nossa diocese é bastante valorizado o momento da confissão e, conseqüentemente, a humildade. Porém, parece que às vezes vemos a humildade como um dom. E talvez seja mesmo. Mas também é (e precisamos valorizar) um exercício de espiritualidade, como também os são algumas técnicas, como silêncio, auto-exame de consciência (em vez do "julgar" o erro do outro), colocar-se no lugar do outro, etc..

Como disse nosso bispo diocesano, Dom Robinson Cavalcanti, na Quinta-feira Santa, dia 12 de abril, ao introduzir-nos na liturgia da Santa Ceia: "precisamos ser mais humildes!" Penso também dessa forma. Para celebrarmos o Jubileu numa perspectiva pascal, devemos nos converter (sempre), dispostos a fazer, ensinar, melhorar, consertar, levar o EVANGELHO (Boas Novas, Palavra de Deus). E quase nunca estamos dispostos a ajudar, aprender, rever (auto-exame), buscar o EVANGELHO, etc.

Tenho que ser franco: às vezes nossos ritos de perdão são "plásticos", reverentes, bonitos, mas não profundos (volto a afirmar que é impressão). Se nós como clero não conseguimos fazer o auto-exame, como poderemos passar para o povo o sentido de pedir perdão? Como clérigos/as devemos Ter a coragem da humildade para revermos nossas falhas como pessoas e como pastores/as. Como aceitar que "membros com mais de anos de participação" em comunidades nossas, desconheçam regras básicas do anglicanismo? Será que os cultos de nossas comunidades são o que espera a nossa Igreja, ou passam a identidade batista, romana, presbiteriana, etc.? Seria possível encarar isso sem a desculpa de que o "povo não está preparado"? Isto nos leva ao segundo ponto: A "espiritualidade" e o "ethos" anglicano.

Desde que entrei no S.A.E.T., nosso seminário, tenho percebido em muitas pessoas a busca do modo de ser anglicano e da espiritualidade própria. E dou graças a Deus por isso! Dom Robinson tem tratado desse assunto em vários sermões. Penso que talvez essa maneira de ser seja viver a "busca" (como nossa vida é uma busca permanente de Deus). Pois para vivermos em nossa diocese a "LINHA MÉDIA" entre o **catolicismo** e o **evangelicalismo**, será necessário em todos os tempos e momentos que nós anglicanos/as estejamos "abertos/as" e buscando não nos desviarmos disso.

Nós até poderemos passar mais vinte e cinco anos sem conseguirmos viver realmente essa "LINHA MÉDIA", mas não poderemos deixar de tentar fazê-lo. Nossos votos a Deus e a Igreja nos cobram isso.

Não tenho a pretensão de querer mostrar como, mas sim de ajudar na discussão. Será que não seria ainda melhor para nós como clérigos/as aceitarmos realmente de coração que nossa igreja é Evangélica e Católica? Evangélica não só pelos laços com a Reforma Protestante em nossa história, isso certamente; mas também por opção de identidade com uma linha teológica do cristianismo que teve e tem muito de bom para nos dar, mas acima de tudo por nos guiarmos pelo Evangelho, que nos cobra sermos "*protestantes contra todos os erros humanos*". Católica não só no sentido da palavra que é universal, isso certamente; mas também por não abriremos mão de uma história, de um passado que nos mancha de vergonha, sangue e pecado, mas também nos cobre de glória, heroísmo e santidade, que tem uma liturgia rica em plástica, cores, símbolos, ritos e gestos que ajudam o povo a viver e reviver sua ligação com o seu Deus (Criador e Libertador), e, acima de tudo, por nos guiarmos pelo Evangelho que nos cobra sermos uma igreja "*Católica para toda a verdade de Deus*".

Nossa igreja tem ainda em seu *ethos*, seus cânones e o episcopado histórico, que para alguns é um peso nos ombros. Os Cânones são leis, e como tal são necessários à vida em sociedade. Não vou aqui me estender, apenas

gostaria de lembrar "que as leis foram feitas para as pessoas", não o contrário. E a igreja deve viver a difícil realidade da vida respeitando os Cânones, mas nunca deixando de ser pastoral. O episcopado é símbolo da unidade da Igreja (como os pais são na família). E temos algumas formas de relacionamento entre clérigos/as e bispo e vice-versa. Também poderia me estender, mas apenas quero dizer o que penso a esse respeito: o bispo é para a Igreja o Pastor, Pai na fé. E o pai é pai e pronto!

E olhem meus irmãos e minhas irmãs, se é difícil aceitar isso e por outro lado não se quer sair da igreja, ótimo! Passo à você um conselho de D. Hélder Câmara para uma pessoa que não agüentava mais viver com outra: *"tire-a das suas costas e a coloque no coração"*. O episcopado não é temporal. Pense nisso. E que Deus nos ajude a podermos dizer com convicção e até certo orgulho "que nossa igreja é Episcopal e que somos Católicos e Evangélicos!".

Sempre Irmão,

Marcos Barros

O Rev. Marcos Barros é coadjutor na Missão Anglicana da Liberdade, Jaboatão dos Guararapes - PE